



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANTÔNIO JORGE GONÇALVES SOARES

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-340

Entrevistado: Antonio Jorge Gonçalves Soares

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Escola de Educação Física da UFRGS

Entrevistadora: Suelen de Souza Andres

Data da entrevista: 27/07/2013

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque e Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 10 minutos e 33 segundos

Páginas Digitadas: 4

Observações: A entrevista foi revisada pelo entrevistado que realizou pequenas alterações.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Programa Segundo Tempo; Atuação no Programa; Equipe Colaboradora do Rio de Janeiro; A sua função dentro do projeto; Programa Segundo Tempo como política pública; Necessidade de avaliação de impacto; Relevância do Programa.

Porto Alegre, 27 de julho de 2013. Entrevista com Antonio Jorge Gonçalves Soares a cargo da pesquisadora Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.A. – Bom Toni, primeiramente a gente gostaria de agradecer a tua colaboração com nosso projeto. Para começar, gostaria de saber como o senhor conheceu e entrou no Programa?

A.S. – No Programa Segundo Tempo?

S.A. – Isso!

A.S. – Eu conheci em toda a sua gênese e como ele foi idealizado mais por leituras, por ouvir os colegas falarem etc., mas isso bem no início. Sou da Universidade Federal do Rio de Janeiro e entrei no Programa por um contato que tive. Eu fui representar a universidade no Mais Educação e um amigo me reapresentou o Amauri¹ e o Amauri falou assim: “Talvez a gente abra uma nova equipe no Rio de Janeiro, como você está vinculado à Universidade Federal, vamos ver se a gente tem a oportunidade de te chamar”. E isso levou um certo tempo, até que um dia eu recebi um comunicado para ver se eu me integrava. Aí participei de uma qualificação da equipe 11 do Rio de Janeiro para aprender quais eram as tarefas de uma Equipe Colaboradora.

S.A. – Em que ano foi isso?

A.S. – Eu sou ruim de memória, mas deve ter sido isso, em 2011 ou 2010. Deixa eu ver: final de 2010, novembro de 2010.

S.A. – Três anos...

A.S. – Sim, são três anos.

¹ Amauri Bássoli de Oliveira, Coordenador Pedagógico do Programa Segundo Tempo.

S.A. – E qual a função que você teve dentro do Programa?

A.S. – A minha função é como coordenador da Equipe Colaboradora 25. Mas eu tenho, de certa forma, sido acionado para participar no Rio de Janeiro, em Brasília, em alguns eventos junto ao MEC², junto à Secretaria de Saúde... Tenho participado de outras ações, como, por exemplo, idealizar um curso de capacitação para os professores. Eu estou sempre disponível para ajudar no que for necessário. E trabalho com a minha equipe, lá no Rio de Janeiro, que nesse momento está bem reduzida; éramos dois e agora se fundiram as duas equipes, aí a EC11 se fundiu com a EC25 e permaneceu a EC25, e os dois membros da EC11 se incorporaram... Estamos aguardando 300 núcleos serem abertos, na cidade e no estado, então, talvez nossa equipe cresça mais ainda.

S.A. – Teria mais alguma coisa que você gostaria de destacar do PST?

A.S. – Eu acho que o PST é um programa inovador, um programa que tenta difundir a prática esportiva e a educação pelo esporte. Eu acho que é um programa muito interessante desse ponto de vista; e isso nos leva a pensar numa política pública para a escola também. Creio necessitamos pensar um modelo de acompanhamento não só de implementação, acho que o programa atualmente ainda está preocupado apenas com a implantação e desenvolvimento. Ele ainda não tem na sua própria concepção um projeto que consiga medir o impacto; qual o impacto disso na vida das pessoas, nas comunidades etc... Então, acho que no futuro a gente vai ter que avançar para esse programa se tornar uma política pública disseminada pelo Brasil inteiro. Para ter uma forma mais ágil nesse processo de implantação e desenvolvimento, mas que tenha uma política de avaliação para ir medindo impactos subjetivos e objetivos, ou seja, quais são as percepções dos usuários, dos familiares e quais são os objetivos atingidos. Por exemplo, vou fazer uma pergunta: As crianças do PST, têm melhor desempenho na escola? Não sei! Ou seja, nós temos que sofisticar a base de dados para tentar acompanhar isso. As crianças participam do PST são crianças com mais atraso ou menos atraso escolar? Quem procura o programa está na série correta da escola ou tem atraso escolar? Então eu acho que tem coisas que a gente poderia começar a mapear para poder pensar a política em termos de impacto na escola, fora da escola, bem como seu impacto social; é o que eu falei de objetivos e subjetivos.

S.A. – O senhor gostaria de registrar mais alguma opinião ou fato?

A.S. – Olha, eu não sei se hoje em dia... A gente tem acompanhado, como coordenador, que nosso país gera muitos projetos sociais. Isso pode ser um efeito de um país profundamente desigual, ou seja, isso me parece o seguinte: a multiplicidade de programas sociais reflete um olhar para a desigualdade no nosso país. Talvez e, provavelmente, a Alemanha e a Inglaterra tenham menos programas sociais que o Brasil, eu estou falando em tese, não tenho certeza. Mas, o que eu penso é que hoje em dia, em algumas cidades, o Programa Segundo Tempo está concorrendo e as crianças estão sendo disputadas pelos projetos sociais. Temos isso aqui em Porto Alegre eu já ouvi relatos até do professor Ricardo Petersen³ que o Programa Navegar disputa a adesão dos alunos com outros programas dentro das escolas. Talvez nós tivéssemos que pensar também um dimensionamento da política. Em que lugares esse Programa teria mais efeitos? Ou seja, em locais que há disputa ou em locais do Brasil que realmente não tem nada? Então é uma questão a se pensar, há a complexidade do processo, ficar em pequenos lugarejos e cidades gera pouca visibilidade do Programa... Eu acho que esse é um paradoxo a ser pensado e você poderia pensar que alguns programas devem ser para cidades de até 30.000 habitantes ou 50.000 habitantes em cidades com o IDH⁴ baixo. Ou seja, acho que são desafios desse Programa que, para se tornar uma política pública, deve pensar realmente onde ele pode atuar e talvez canalizar recursos, não só para recursos humanos; talvez para infraestrutura de cidades que não tenham sinergia cultural e esportiva, por exemplo, ter uma quadra de esportes etc. Acho que é um pouco isso que eu penso do futuro do Programa; acho que ele tem uma proposta pedagógica excelente, mas como eu aprendi com o Amauri e o resto do grupo, ele é um programa que se troca o pneu com o carro em movimento”. Se ele troca o pneu com o carro em movimento, então, eu acho a gente deve continuar nessa política cada vez mais sofisticando o Programa para que ele se torne uma política pública e que ele tenha maior efetividade.

S.A. – Bom, professor...

² Ministério de Educação.

³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A.S. – Agora penso que... Queria deixar registrado que eu penso que o Programa é inovador, mas como todo programa é um desafio. Pensar como ele se torna mais eficaz, é um desafio também. A gente poderia pensar o seguinte: o SUS⁵ foi uns dos programas mais interessantes do ponto de vista da difusão do atendimento médico do país, ele é um modelo que vários países estão importando mas ele necessita de ajustes. Ele necessita de reorganizações, necessita de redirecionar recursos. O Programa Segundo Tempo é um programa que tem a mesma qualidade e também precisa, de certa forma, gradativamente ir olhando essas coisas que eu falei: medir impacto, ver quais são os alvos, se o alvo são grandes cidades ou pequenas cidades. Porque eu tenho uma experiência interessante: em Três Rios é um convênio com 12 núcleos que funciona muito bem, porque realmente necessitava e tinha áreas que atendidas que eram complicadas, assim do ponto de vista na disputa entre os alunos, ou dos projetos, acho que é isso. Foi um prazer, eu agradeço o convite.

S.A. – A gente que agradece a colaboração

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁴ Índice de Desenvolvimento Humano.

⁵ Sistema Único de Saúde.